Descolonização

ARISTIDES PEREIRA AO "DL"

PARA JÁ VENCER A FOME

CIDADE DA PRAIA, 3 (do nosso enviado especial Luís de Sttau Monteiro) — A dois dias da vitória da causa do seu partido e depois de uma jornada de trabalho intenso, Aristides Pereira, secretário-geral do P A I G C, encontrou tempo para receber o enviado especial do «D L» a Cabo Verde A entrevista teve lugar no edifício em que o P A I G C instalou a sua sede

Antiga residência de José Soares de Brito Júnior, presidente da Câmra «vitalício» da Praia, e conhecida entre o povo por «casa verde», a sede, embora modesta, adapta-se às necessidades do partido e atrai uma massa imensa de gente ávida de ver os dirigentes políticos que vão assegurar o futuro do novo Estado

A entrevista começou quase abruptamente — as apresentações tinham tido lugar de manhã — com uma pergunta disparada à queima-roupa:

— Samora Machel, nas suas declarações, e muito especialmente ao nacionalizar o solo moçambicano, não deixou dúvidas acerca do regime do novo Estado de Moçambique; ao que se refere à Guiné, também não há dúvidas de que o país não optou pelo capitalismo; Portugal avança a passos largos para o socialismo; mas, a respeito de Cabo Verde, pouco ou nada se sabe. Pelo que temos estudado e visto, porém, não há dúvida de que a reconstrução económica do Arquipélago vai exigir expropriações, nacionalizações e uma interferência cada vez maior do Estado em todos os campos da actividade. Cabo Verde vai optar francamente pelo socialismo, fica a meio caminho ou vai tentar reconstruir-se economicamente dentro das estruturas capitalistas?

Aristides Pereira sorriu e respondeu sem hesitação, mas escolhendo cuidadosamente as palavras:

Aristides Pereira: «Os nossos recursos são nulos».

— **Temos aqui em Cabo Verde realidades muito concretas, muito reais, e agiremos de acordo com elas. Não é por acaso que não temos falado da via que pretendemos seguir. Para definer uma via é necessário inventariar tudo e partir de bases que ainda não temos. Por outro lado sempre tentámos, durante estes anos todos de luta, rotular a nossa orientação económica. A economia de Cabo Verde, a realidade de que temos de partir, é uma economia totalmente destruída, totalmente falseada não só por estes anos de seca como pelo sistema colonial. A nossa tarefa imediata é garantir meios de subsistência à população. Enquanto não conseguirmos isso o resto não passará de um sonho. Actualmente os nossos recursos são nulos. Somos um país que, de momento, não exporta nada. Pode-se facilmente constatar que a situação é essa. Nestas circunstâncias, sob pena de sermos pragmáticos, preferiamos não definir mais. Tudo virá em função do que tivermos em mãos. Embora tenhamos aproveitado bastante com este Governo de Transição, não há dúvida de que temos muito que fazer. Antes de mais temos de arranjar pão para a boca. Precisamos de uma abertura total do mundo, de todos os países que nos quiserem ajudar. É nesta base que vamos agir. Até definirmos a nossa via, levará ainda o seu tempo...**

SAIR DA MISÉRIA

L. S. M. — Sem querer pôr palavras na sua boca, eu resumiria o que acaba de me dizer deste modo: pelo menos nesta primeira fase, não haverá uma via definida e as soluções serão adoptadas em função dos problemas...

A. P. — **Evidentemente que, ao dizer que não há um sistema definido, não estou a dizer que não haja princípios. Estes estão bem definidos no nosso programa através do pensamento de Amílcar Cabral. O que eu quero dizer é que, para quem conheça os princípios do nosso partido e as motivações da nossa luta, pode compreender perfeitamente que o que pretendemos é servir o nosso povo e criar condições para que todo o cabo-verdiano, todo o filho de Cabo Verde tenha as mesmas possibilidades, e que de facto saia do estado de miséria e de subdesenvolvimento em que se encontra. É isto o que podemos dizer, mas isto não rotula a nossa maneira de trabalhar.**

L. S. M. — Ao longo destes anos de luta fez-se algum plano para a reconstrução económica de Cabo Verde ou o 25 de Abril e a nova posição portuguesa face ao colonialismo apanharam o P. A. I. G. C. de surpresa?

A. P. — **É compreensível que antes do 25 de Abril, para fazermos qualquer coisa desse género, necessitávamos de dados que se encontravam nos arquivos oficiais, a que normalmente não tínhamos acesso. Era impossível levar a cabo um trabalho, apesar de certos elementos do nosso partido se terem aplicado a estudar principalmente as causas. Só a partir de Fevereiro deste ano é que nos foi possível criar um Gabinete de Estudos Económicos, mas sobre este assunto quem melhor o poderá esclarecer é o camarada Osvaldo Silva.**

HUMANITARISMO NÃO CHEGA

L. S. M. — Como é que se está a processar a actuação desse Gabinete?

A. P. — **O Gabinete está dividido por ramos**

L. S. M. — No final da moção aprovada na última reunião do Conselho Superior da Luta do P. A. I. G. C. fez-se um apelo a todo o mundo para ajudar Cabo Verde. Há alguma ideia de quanto tempo levará Cabo Verde a autonomizar-se economicamente, isto é, a dispensar o auxílio externo?

A. P. — **Não podemos prever datas nenhumas. Faremos os maiores esforços para tornar a nossa independência económica possível, mas precisamos de investimentos. Pensamos valorizar a agricultura e a indústria para afastarmos o fantasma da fome em matéria de desenvolvimento, numa fase preliminar. Quando tivermos estudado profundamente o problema, falaremos de prazos.**

L. S. M. — De qualquer forma já há uma diferença no que se refere à atitude do mundo para com Cabo Verde desde o 25 de Abril?

A. P. — **Sim, a atitude internacional é de confiança, mas precisamos de coisas mais concretas: temos que ultrapassar esta fase humanitária para lançar as bases da indústria e da agricultura racionalizada.**

L. S. M. — O apelo já teve alguma resposta favorável?

A. P. — **Até agora nenhuma. Certamente que isso só acontecerá depois da nossa independência.**

ONDE ESTÃO OS INTELECTUAIS?

L. S. M. — Os intelectuais do arquipélago, por exemplo os que integraram o movimento «Claridade», ajudaram o povo a adquirir consciência de si mesmo, e até a tornar-se conhecido pelo menos no mundo da Cultura. Observo agora que, dos responsáveis por esse movimento, poucos parecem estar presentes neste momento. Haverá alguma separação entre os intelectuais de consciência cabo-verdiana do passado e os objectivos da nova consciência cabo-verdiana?

A. P. — **Pensamos que há uma certa diferença. Tempo houve em que Cabo Verde, no que se refere a obra de intelectuais, passou pelo chamado «Tropicalismo», e nessa altura houve uma série de intelectuais que lhe aderiram. Daí termos pensado que justamente por causa desse pensamento é que houve uma certa impermeabilidade da parte de alguns à ideia da independência de Cabo Verde. Estamos convencidos de que todos os cabo-verdianos, independentemente da sua tendência, acabarão por aderir à causa da independência da sua terra. Esta elite de que o camarada fala, apesar de tudo, deu mostras de nacionalismo. Só uma incompreensão atribuível a muita propaganda caluniosa que se fez sobre o nosso partido, e até, digamos, certos erros cometidos por camaradas nossos, os levaram a não estar hoje connosco. Estamos convencidos que essa camada terrivelmente minoritária que hoje não está connosco acabará por aderir à nossa causa e que dará a sua contribuição para o engrandecimento do futuro da nossa Pátria.**

L. S. M. — É possível ter uma ideia de quem são, quantos são e que destinos terão os presos no Tarrafal?

A. P. — **Partindo do princípio que o camarada cá vai estar até ao dia da independência, terá a oportunidade de ver com os seus olhos o que vai acontecer a esses presos, que de momento não ultrapassam três dezenas.**

Descolonização

GUINÉ-BISSAU: REVOLUÇÃO A 40 GRAUS

ALVORADA DAS INDEPENDÊNCIAS AO SOM DO TAM-TAM AFRICANO

Por DANIEL REIS (correspodente do «DL» em Bissau)

BISSAU — Actuou durante a semana passada na Guiné, nas cidades de Bissau, Bolama e Bafatá, um grupo de teatro cujo espectáculo e até a história da sua formação se enquadram, perfeitamente, na actualidade portuguesa e africana. O grupo chama-se Kauguiamo — iniciais, em crioulo, das ex-colónias portuguesas de Cabo Verde, Guiné, Angola e Moçambique — e o espectáculo «Korda Scrabo». Narra a luta dos povos africanos para se libertarem da dominação colonial exercida em nome da civilização ocidental com todo o seu cortejo de humilhações, fome, exploração, e miséria, escondidas atrás da cruz e da espada.

Mas o grito de «Acorda Escravo!» vale tanto para os povos da Guiné, Cabo Verde, Angola, S. Tomé e Príncipe, Moçambique e Timor, que estão, agora, a assumir a sua soberania interna e externa, como para o povo português, lentamente a libertar-se dos seus principais exploradores e colonizadores. O espectáculo, aliás, sublinha isso mesmo.

O grupo é formado por emigrantes cabo-verdianos e guineenses que estudavam e trabalhavam em França, alguns deles já em fase de regresso ao seu país natal. Constituiu-se a partir do espectáculo realizado em Roterdão, em comemoração do primeiro aniversário do assassinato de Amílcar Cabral. O espectáculo é marcado, de ponta a ponta, pelo som do tam-tam africano, como um narrador de feitos heróicos e empolgantes polvilhados no longo caminho da libertação.

Com este som revolucionário pôr fundo, sucedem-se no palco, em poemas, canções e diálogos, o acordar dos povos subjugados a tomada de consciência acerca do verdadeiro inimigo e a decisão de expulsar pelas armas o opressor. Depois é a luta contra o neocolonialismo, em que Spínola e os seus lacaios são metidos a ridículo (para gáudio do público, que ri sem limites), a independência e a nova fase da luta pelo progresso do povo. No final do primeiro espectáculo, em Bissau, um senhor idoso muito comovido, resumia as reacções da assistência:

Comício em Cabo Verde, numa das visitas do secretário-geral do P.A.I.G.C. ao arquipélago, que no próximo sábado se tornará independente

— **Eu tinha lágrimas nos olhos ao ver aqueles meninos a representarem no palco a história do nosso povo, durante anos e anos subjugados pelo colonialismo e depois, armas na mão, a conquistar a dignidade e a independência**

OS OLHOS EM CABO VERDE

Ao dar nota deste espectáculo revolucionário quero, sobretudo, resumir o que se passa actualmente neste País. Todas as atenções vão para o nascimento de novas nações africanas irmãs, de expressão portuguesa. Voltam-se os olhos, sobretudo, para Cabo Verde, mas também para Moçambique, onde se deslocou uma numerosa delegação em que viajava a viúva de Amílcar Cabral, Ana Maria.

Cabo Verde já motivou a reunião do Conselho Superior da Luta (Comité Central, alargado, do PAIGC), nos dias 24 e 25. No final da reunião foi emitida uma declaração em que se apela a todos os Estados e organizações internacionais para reconhecerem o novo Estado, no próprio dia da independência, e prestarem ajuda económica, justificada pela seca e o estado de completo abandono em que o colonialismo deixou o arquipélago ao fim de cinco séculos de exploração. Sabe-se também que foi discutida a constituição da futura República e escolhidos os nomes a apresentar à Assembleia Nacional para formação dos órgãos do Estado. No entanto a divulgação pública fica interdita até a Assembleia se debruçar sobre estes pontos, depois de proclamada a independência.

Em Cabo Verde encontram-se já muitos quadros dirigentes do Partido e simples militantes que viajaram num barco cubano (o XX Aniversário) e num avião especial. No sábado passado seguiram para as ilhas, além do secretário-geral do PAIGC, Aristides Pereira, o comandante Nino Vieira, membro do Secretariado Permanente do PAIGC e Comissário das Forças Armadas, o ministro José Araújo o subcomissário da Informação, Manuel dos Santos, e os dirigentes das Forças Armadas Revolucionárias do Povo, Júlio de Carvalho (Julinho), Comissário Político, e Lucio Soares, vice-chefe do Estado-Maior.

UM TORNADO NOS TRÓPICOS

Estou quase a perfazer o meu quinto mês de permanência na Guiné-Bissau e só há dias pude ver, em toda a sua plenitude, um tornado dos que nesta época das chuvas desabam sobre a costa ocidental da África. Deles me falavam, com frequência, antes de arrancar para este país novo e tentar ajudar, na medida dos meus fracos recursos, à reconstrução nacional.

Eram 14 horas exactas quando o sol desapareceu por completo. Sobre o rio Geba, para os lados do mar, a oeste de Bissau, o céu já vinha ganhando cor de chumbo. Escurecia a olhos vistos. Um vento ainda discreto começou a puxar essas nuvens para terra.

Cinco minutos transcorridos, o dia transformava-se em quase noite. O vento cheirava a chuva e tempestade e arrefecia a temperatura, até então, abafada e quente. Vejo os pequenos engraxadores, de caixas às costas, escaparam-se em grupo. A esplanada do café fica vazia num instante. Digo aos professores portugueses que me acompanhavam na conversa, após o almoço **«deixa-me ir andando que talvez chegue a casa antes de começar a chover»**

Mas já o não consegui.

Num ápice, endurece a ventania, soprando na direcção norte. Abrigo-me sob um telheiro, dos muitos em que são típicas as casas coloniais. À minha frente, Avenida Amílcar Cabral acima, o vento assemelha-se a uma enxurrada pois arrasta consigo papéis, latas, ramos de árvore, violentamente, ganhando o volume e a forma de uma tromba de água em rio caudaloso. Ainda não chove mas adivinham-se os primeiros pingos. Os automóveis apitam desesperadamente tentando em ultrapassagens, abrigar-se nas ruas transversais. Há uma bomba de gasolina em frente e já dois bidões foram atirados ao chão, rolando, agora, avenida acima, com espalhafato. As árvores vergam-se. Há ainda quem fuja e procure alcançar um lugar seguro. Às 14 e 15 começa, verdadeiramente, a chover.

Cordas de água despenham-se das nuvens, batidas pela ventania. Não se vê vivalma na rua, nem carros, nem pessoas, nem animais. Nada. Só chuva implacável e ventania. Resta esperar, ouvindo os trovões fuzilarem sobre a cidade e os raios mergulharem, em cadeia, nas águas revoltas e turbas do Geba. A avenida transforma-se em riacho e a chuva não cessa de engrossar. Passa um táxi com algum apressado, que quer chegar ao emprego distante, a horas de picar o ponto, sem penalizações. No cruzamento, frente à igreja, as rodas mergulham totalmente na enxurrada; mas consegue libertar-se e avançar, espalhando água sobre o passeio, que é alto e preparado para emergências destas. Entretanto, a chuva não parece mais ser lançada sobre a terra por irrigadores gigantes. Antes deve ser despejada, a baldes, por algum S. Pedro afastado em apagar o fogo dos trópicos.

Aristides Pereira, secretário-geral do P.A.I.G.C., Pedro Pires, presidente da direcção nacional do partido em Cabo Verde, e Luís Cabral, presidente do conselho de Estado da República da Guiné-Bissau, à saída da reunião do Conselho Superior da Luta em que foi discutida a independência de Cabo Verde e a respectiva Constituição

Imagem do espectáculo «Korda Scrabo» (Acorda Escravo), apresentado na Guiné e que sintetiza as lutas dos povos africanos pela sua libertação.

Às 14 e 15, portanto meia hora depois de cairem as primeiras gotas, o céu vai lentamente recuperando a claridade antiga. Mas ainda não é desta que a chuva abranda. Pelo contrário, como cisne que vai morrer mas antes quer gritar a última mensagem, o tornado recobra forças e atira sobre a cidade e sobre o rio nova rajada de trovões, nova fuzilaria de raios e uma nova bátega, fortíssima, de água.

Passado isto, de uma esquina e outra vêem-se surgir miúdos em calções, descalços e de tronco nú, os primeiros a ganhar a rua desafiando a intempérie. O trânsito também recomeça. A sirene do porto já apitou, quinze minutos antes de os descarregadores do Pidjiguiti se dirigirem ao local de trabalho onde, em 1959, os colonialistas abateram a tiro mais de 50 dos seus irmãos. O vento calou-se, a chuva é agora normal, embora continue pegadinha e forte. As ruas animam-se, eu próprio me aventuro. Pela tarde fora continuaria a chover e ao alinhavar estas linhas para os leitores do «DL», que se interessam pela Guiné e as suas gentes, apetece-me recordar uma pequena notícia publicada, há dias, no «Nô Pintcha», jornal onde trabalho juntamente com outros três jornalistas profissionais portugueses. É datada de Cantchungo (antiga Teixeira Pinto) e diz o seguinte:

— **Na tarde do dia 12 e na madrugada de 13 choveu na cidade de Cantchungo Os agricultores sentem-se satisfeitos pelas primeiras chuvas que caíram sobre os terrenos preparados, há já cinco meses, e despedem-se alegremente dos amigos para se isolarem nos campos da lavoura Hoje, como sempre, nota-se grande contentamento por parte dos agricultores na distribuição de sementes de mancarra que vem processando há já alguns dias no c leiro de Cantchun Pensa-se que se o tem for favorável aos agricultores, Cantchungo, próximo ano, será grande centro comerc como foi antes da guer contra o colonialismo»**

É por estas e por outras que um tornado não assusta, mesmo que faça arregalar os olhos ao beirão surpreso, recordando apenas das neves na sua terra.